

A Musicalidade das diferenças: como desenvolver a musicalidade individual

*Gregório Pereira de Queiroz*¹

A noção da qual o Phaedo dá expressão é aquela do homo musicus, do homem como músico, como ser que requer música para se realizar plenamente. Esta dimensão de nossa humanidade tem se mantido largamente à sombra no curso do pensamento ocidental. Este é o tempo de trazê-la à luz.

Zuckerkandl, *Man the Musician*

Resumo

A conceituação de musicalidade como sendo inerente ao ser humano e como sendo distinta, com características particulares, para cada ser humano. Os três estágios para o reconhecimento e o desenvolvimento da musicalidade individual.

Palavras-chave: musicalidade geral e individual, musicalidade clínica.

Abstract

The concept of musicality as being inherent to the human being and as being distinct, with particular characteristics, for each human being. The three degrees for the recognition and the development of the individual musicality.

Key-words: general and individual musicality, clinical musicality.

A musicalidade é “um atributo da espécie humana”², e não um dom particular pertinente a apenas algumas pessoas, como costuma ser considerada. Toda pessoa é capaz de experimentar – e produzir – algo significativo por meio da música.

¹ **Gregório Pereira de Queiroz** – Arquiteto, formado pela FAUUSP; especialista em Educação Musical com área de concentração em Musicoterapia, pela Faculdade de Música Carlos Gomes; especialista em Musicoterapia, pela Faculdade Paulista de Artes. E-mail: gregorio@qairoz.com.br.

² Zuckerkandl, *Man the Musician*, 1973, página 7.

E a musicalidade é um atributo ainda mais amplo do que apenas do ser humano: é também um atributo do mundo. O conceito antigo de ‘harmonia das esferas’ aponta para uma musicalidade presente no cosmos, na estruturação do cosmos, assim como presente e estruturadora do ser humano.

Musicalidade, como aqui considerada, é mais do que a capacidade de perceber ou criar música; esta é uma decorrência particular, embora a mais expressiva. A musicalidade está ligada a um modo de percepção e decodificação do mundo, do mundo exterior e da interioridade humana; não se trata de percepção sensorial, como a audição, mas percepção cognitiva: um modo de perceber e compreender o mundo interior e exterior.

Em meu último trabalho a respeito do tema, ampliei a definição de musicalidade, postulando-a como “a capacidade humana de perceber e estabelecer relação com a dimensão das dinâmicas puras, na qual o tempo e o espaço se apresentam em sua face fluente e contínua, . . . tornando a pessoa apta a perceber e atuar com a dinâmica de estados, as forças em movimento e a fluência, sem se definirem necessariamente os objetos que fluem.”³

Esta é a conceituação geral de musicalidade, como tenho desenvolvido em livros e artigos.

Agora, quando a musicalidade é manifestada por uma pessoa, em particular, esse modo de “perceber e atuar com as forças em movimento” porta as características e marcas dessa pessoa (seus potenciais, tendências, deficiências, limitações, habilidades, traumas etc.).

Deste modo, a musicalidade individual é um campo possível para reconhecer quem é a pessoa que manifesta essa musicalidade, e é também um campo possível para a pessoa se desenvolver e ser terapêuticamente trabalhada.

A musicalidade é o campo de trabalho para os musicoterapeutas que trabalham “na música”⁴. Mais do que a própria música como campo de trabalho, coloco a musicalidade como o sendo, pois esta inclui os processos geradores da música e as repercussões desta sobre o ser humano (e não apenas a música como um produto em si), incluindo assim mais vivamente o aspecto humano na música.

Portanto, é necessário conhecer o campo de trabalho denominado musicalidade, se nele queremos trabalhar, e esse conhecimento tem duas “frentes de trabalho”.

A primeira frente trata de conhecer os componentes da musicalidade, que são aqueles que compõem a música: escalas, intervalos, ritmos, andamentos, enfim, os elementos musicais, tudo o que realiza o movimento na música. Estes formam o “campo geral” de atuação, são os constituintes do campo da musicalidade.

³ “O que é que a música tem, que o som e o ruído não têm?”, palestra e artigo apresentados na 12ª Semana de Musicoterapia de Ribeirão Preto, Unaerp, novembro de 2005.

⁴ “A música deixa de ser ferramenta e passa a ser vista como ‘parceira’ do musicoterapeuta nos processos de descobrimento do outro.”, em *Musicoterapia Músico-centrada*, André Brandalise, 2001, página 27.

A segunda frente trata de conhecer as particularidades e distinções da musicalidade dos indivíduos: como cada pessoa se movimenta neste campo (o que equivale dizer: como cada pessoa faz música). Diferentes pessoas se movimentam de modo distinto no campo da musicalidade, cada pessoa se movimenta à sua maneira na música, cada pessoa coloca a música em movimento de uma maneira pessoal.

É esse “colocar em movimento a música” de maneira própria que será trabalhado pelo processo musicoterapêutico; melhor dizendo, será primeiro reconhecido e então trabalhado conjuntamente pelo musicoterapeuta e pelo cliente.

O musicoterapeuta que trabalha “na música” terá que conhecer seu campo de trabalho: os componentes da musicalidade, em todos os seus aspectos. E não apenas como conhecimento teórico, pois é preciso experimentar-se se movendo com os vários componentes, sendo capaz de articulá-los (e articular-se neles e com eles) e de se mover livremente (e, por conseqüência, expressivamente) por todos eles.

Os componentes do campo da musicalidade (a serem experimentados pelo musicoterapeuta como geradores de dinâmica e movimento):

1. **Escalas** – em especial, as escalas pentatônicas, modais e as diatônicas maior e menor, e seus usos harmônicos e melódicos; a harmonização própria para cada escala (exemplo: em quintas e quartas nas escalas pentatônicas); as qualidades dinâmicas presentes em cada escala modal e nas escalas diatônicas maior e menor.

2. **Intervalos entre os tons** – as diferentes tensões, gravitações e repousos entre os tons musicais, isto é, suas qualidades dinâmicas, sejam eles simultâneos (harmonia) ou em seqüência temporal (melodia); em especial, o uso de graus conjuntos e saltos na escala, os acordes fundamentais, alterados e as inversões dos acordes; a utilização dos diferentes idiomas harmônicos.

3. **Ritmos métricos e livres** – principalmente os ritmos métricos binário, ternário e quaternário; as diversas acentuações possíveis dentro do compasso métrico; a entoação em ritmo livre de métrica.

4. **Andamentos** - lentos, rápidos e suas gradações; retardamento e aceleração dentro do andamento adotado; utilização de pausas e fermatas.

5. **Intensidade sonora** – forte e fraca, e suas gradações, assim como o uso expressivo das diferentes intensidades.

6. **Timbre** – dos diversos instrumentos musicais; instrumentos harmônicos, melódicos e rítmicos; os diferentes timbres possíveis em um mesmo instrumento (por exemplo, a utilização de toda a tessitura do piano, não apenas o uso dos sons médios habituais).

7. **Voz humana** – e suas muitas possibilidades de emissão, altura, timbre, expressão, em fala e canto, com palavras e vocalizações.

Este é o campo geral da musicalidade ⁵.

Um musicoterapeuta que percorra todo este campo e experimente suas possibilidades, dentro de um contexto adequado, terá preparado sua própria musicalidade para entrar em contato com a musicalidade das demais pessoas. Este é um primeiro passo no desenvolvimento da musicalidade

Agora, as particularidades da musicalidade do musicoterapeuta precisam ser também reconhecidas e desenvolvidas, não apenas os componentes gerais da musicalidade. Estas particularidades só podem ser reconhecidas quando a pessoa se expressa musicalmente, o que exige do musicoterapeuta mais do que simples execuções técnicas da música, e sim a prática corrente da execução musical no sentido artístico, isto é, a música enquanto expressão do movimento, ou colocando mais amplamente, como expressão da vida em movimento.

O reconhecimento e desenvolvimento da musicalidade individual percorrem três estágios.

1. O **reconhecimento da própria musicalidade** do musicoterapeuta, a descoberta de sua natureza musical (o que caminha junto com o aprimoramento de habilidades musicais e da prática em instrumentos musicais). O principal aqui é a conscientização da dimensão da musicalidade como capaz de levar à auto-descoberta de sua natureza musical e os entrelaçamentos com a totalidade de sua psique.

(Este é um outro ponto do desenvolvimento da "personalidade musical do terapeuta", além dos dois tradicionais: ser terapeutizado e ser supervisionado na atuação terapêutica. Este terceiro ponto somente o musicoterapeuta tem a desenvolver, e o diferencia dos demais terapeutas.)

Este primeiro ponto é comum ao musicoterapeuta, ao musicista e mesmo ao apreciador da arte musical. Os dois pontos seguintes são a base para o que se convencionou chamar de Musicalidade Clínica (termo este já em revisão, devido à sua possível incompletude ⁶).

2. O Musicoterapeuta deve aprender a "**ouvir**" a **musicalidade das outras pessoas**, de modo a se preparar para "ouvir" a musicalidade dos pacientes. "Ouvir" é perceber na expressão musical de outra pessoa, as marcas da musicalidade dessa pessoa e seus entrelaçamentos com a psique dela. Este é um aspecto passivo do desenvolvimento da musicalidade, um desenvolvimento prioritariamente

⁵ As linhas gerais destes componentes são as da própria música, naturalmente. Mas a abordagem aqui colocada está em linha com as proposições da abordagem Nordoff-Robbins, baseadas especialmente nas obras *Creative Music Therapy*, em particular a página 221, e *Healing Heritage*, de Paul Nordoff e Clive Robbins, respectivamente de 1977 e 1998.

⁶ Ver a dissertação de mestrado *Musicalidade Clínica em Musicoterapia*, de Clara Márcia Piazzetta, na Universidade Federal de Goiânia, 2006.

perceptivo. Creio que só possa realmente ser desenvolvido após a pessoa aprender a reconhecer as marcas de sua própria musicalidade.

Um adendo: estes dois primeiros estágios não são estanques nem somente subseqüentes; não há como desenvolver sua própria musicalidade e reconhecê-la, sem ao mesmo tempo estar ouvindo a de outras pessoas: as experiências musicais compartilhadas proporcionam a percepção da sua própria musicalidade. No entanto, o foco de cada etapa é diferente: o primeiro é se reconhecer, o segundo é reconhecer o outro.

3. O terceiro estágio é a **interação musical com outra pessoa**, com o(s) paciente(s), o que inclui o aprendizado de técnicas e habilidades necessárias a esta interação. Vão desde habilidades puramente musicais (tais como reconhecer quais escalas, modos, intervalos, ritmos ou formas musicais ressoam com o que o paciente traz) até habilidades de "relação psicológica em meio à música", ou seja, perceber e atuar com sentido psicológico por meio da música (o possível valor intrínseco presente em cada escolha musical), diante das necessidades psicológicas apresentadas por meio da música do paciente. No terceiro estágio, o musicoterapeuta treina interação musical e a responsabilidade humana inerente à interação musical.

Nesta prática, creio que devemos considerar o dado "psicológico" sem que este seja interpretado, isto é, o "psicológico em música" não é uma interpretação psicodinâmica ou psicanalítica dos "conteúdos" musicais (isto já cairia fora do campo da musicoterapia contemporânea e da musicalidade). O "psicológico em música" é entender o desenvolvimento da própria música como sendo o desenvolvimento humano. Então, seria mesmo entender o desenvolvimento musical puramente – mas considerando sua inter-relação com o desenvolvimento humano.

O cerne da interação das musicalidades é a fluência musical, o movimento o mais livre, pleno e expressivo, gerado pela conjugação da musicalidade das pessoas que estão a fazer música. Este, a meu ver, deve ser o parâmetro fundamental para avaliar se há interação ou não entre as musicalidades: se aquilo que cada pessoa traz para o campo da musicalidade contribui ou não, e de que maneira contribui, com quais aportes contribui, para tornar plena, livre e expressiva das musicalidades.

Deste modo, as diferenças da musicalidade de cada indivíduo, seja ele musicoterapeuta, paciente, musicista, apreciador da arte musical ou interessado no auto-conhecimento podem ser reconhecidas e conscientizadas. A musicalidade torna-se um meio para o crescimento do humano que há no ser humano.

Referências Bibliográficas

- BRANDALISE, A. *Musicoterapia Músico-Centrada: Linda 120 Sessões*. São Paulo: Apontamentos, 2001.
- NORDOFF, Paul & ROBBINS, Clive. *Creative Music Therapy*. New York: The John Day Company, 1977.
- PIAZZETTA, Clara Márcia. *Musicalidade Clínica em Musicoterapia*. Dissertação de Mestrado, na Universidade Federal de Goiânia, 2006.
- QUEIROZ, Gregório Pereira de. *O que é que a música tem, que o som e o ruído não têm?*. Palestra e artigo apresentados na 12ª Semana de Musicoterapia de Ribeirão Preto, Unaerp, novembro de 2005
- QUEIROZ, Gregório Pereira de. *Aspectos da Musicalidade e da Música de Paul Nordoff e suas implicações na prática clínica musicoterapêutica*. São Paulo: Apontamentos, 2003.
- ROBBINS, Carol & ROBBINS, Clive. *Healing Heritage: Paul Nordoff Exploring the Tonal Language of Music*. Gilsum, EUA: Barcelona Publisher, 1998.
- ZUCKERKANDL, Victor. *Man the Musician*. Princeton, EUA: Princeton University Press, 1976.